

## MORTALIDADE EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA E A RELAÇÃO COM A PRÁTICA ODONTOLÓGICA

**LEONARDO BLANK WEYMAR<sup>1</sup>**; **TANIA IZABEL BIGHETTI<sup>2</sup>**; **EDUARDO DICKIE DE CASTILHOS<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas– weymarleo@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal do Rio Grande do Sul– taniabighetti@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal do Rio Grande do Sul– eduardo.dickie@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional e a falta de cuidadores resultam em uma crescente procura pela institucionalização (Oliveira, 2013).

O envelhecer abrange processos que acarretam a diminuição paulatina da expectativa de sobrevivência, acompanhada por alterações da senescência, a redução de rendimentos por conta da aposentadoria, o afastamento da família, a dependência para se deslocar ou mesmo para realizar procedimentos simples, a desvalorização do papel do indivíduo pela sociedade, a perda dos amigos e a percepção da proximidade de sua própria morte (Oliveira, 2013).

Para Freud (1915), a morte é incontestável e inevitável. No consciente, o homem sabe que vai morrer, entende a passagem cronológica do tempo e tenta elaborar os lutos ao longo da vida rumo à aceitação da finitude. Além de ser um fenômeno intrapsíquico e individual, a morte é, também, um acontecimento coletivo com conotações sociais e culturais. Cada cultura encontra meios coletivos por meio de rituais, lendas e interditos para lidar com a partida dos membros do grupo. No momento atual, nossa sociedade, que enaltece valores como juventude e progresso, vê a morte como um tabu. Existe uma “conspiração do silêncio” em relação ao morrer. Os vivos querem distância dos velhos e dos moribundos.

Segundo Custódio (2010), em estudo realizada com estudantes de enfermagem, cerca de mais de 80% dos estudantes dos semestres finais encontram-se despreparados para lidar com a morte, e sentem faltam de abordagem do tema durante a graduação. Por outro lado, o universo da morte não envolve apenas aspectos científicos.

Moimaz (2010); realizou em estudo com estudantes de odontologia constatou que após passarem por projeto de extensão em uma instituição de

longa permanência na cidade de Araçatuba, SP desenvolveram uma visão mais crítica, fundamentada e humanizada sobre o envelhecimento, na medida em que os relatos começaram a considerar a “empatia” das relações.

O objetivo deste trabalho é relatar a ocorrência de óbitos em uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) e a reflexão desta experiência de extensão na formação de Cirurgiões-Dentistas.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência. Será feito um relato sobre o número de óbitos contabilizados em uma ILPI a partir dos próprios prontuários dos moradores assistidos pelo projeto e das listas de moradores totais da instituição, levando em consideração as variáveis: sexo, ano de óbito. Serão descritos em números absolutos e relativos. O relato abrangerá o tempo de execução do projeto Gepeto, do ano de 2014, até agosto de 2016.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o estudo pretendeu-se verificar a incidência de mortes no Asilo de Mendigos de Pelotas, nesse levantamento foi constatado que entre 2014 e 2015 foram registradas 8 mortes entre as mulheres e 5 entre os homens. De 2015 até 2016, 9 mulheres e 7 homens. No decorrer de 2016 foram registradas uma morte entre as mulheres e duas entre os homens.

Durante a graduação, a questão do óbito surge como em situações totalmente limitadas as consequências de patologias e acidentes. Os acadêmicos não tem uma visão na qual se insere no contexto psicofísico do paciente e daqueles ao redor desse. Falta o ensino acadêmico, de como entender e reagir à situações como essa, de como poder levar conforto ao paciente e à fazer o planejamento pessoal do profissional (Lima, 2008).

Esses acadêmicos se preparam durante anos para exercerem a futura profissão, entretanto, as especialidades acadêmicas são conservadoras, refletindo, em decorrência, os valores culturais dominantes, como a negação da morte, deixando, dessa forma, uma lacuna no preparo profissional. Dessa forma, o ensino extracurricular, por meio de projetos de extensão, deve entrar com o papel de saciar essa deficiência na grade acadêmica (Lima, 2008).

A crescente institucionalização da morte, aliada à procura relevância conferida ao estudo da morte nos cursos de graduação na área da saúde, faz emergir a seguinte questão: estariam nossos futuros médicos, enfermeiros, dentistas, terapeutas ocupacionais, dentre outros, preparados para conviver com os pacientes à beira da morte, compreendê-los e prestar-lhes a melhor assistência?

Essa questão remete a necessidade de desenvolver uma pesquisa associada à atividade de extensão, com o intuito de confirmar a necessidade de abordagem do tema no ensino de graduação em odontologia.

## 4. CONCLUSÕES

A população abordada no projeto de extensão apresenta características peculiares que expõe os acadêmicos de odontologia à uma maior frequência de óbitos.

Foi identificada a possibilidade de realizar o estudo para avaliar a capacidade de empatia inata e a desenvolvida nos participantes do projeto, sendo um fator importante parar o desenvolvimento de cuidados mais humanizados de profissionais da área da saúde. Além disso, a realização desse futuro estudos possibilitaria o preparo dos alunos em lidar com as questões relativas a morte de forma mais adequada.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Juliana Cassiano; CASTRO, Jacqueline Damasceno. Equipe multidisciplinar: essencial para o idoso em instituição de longa permanência.

CHERIX, K. & KOVÁCS, M.J. A questão da morte nas Instituições de Longa Permanência para Idosos. Revista Temática Kairós Gerontologia,15(4), pp. 175-184, São Paulo, Agost. 2012.

CUSTÓDIO, Misael R. de Martins. O processo de morte e morrer no enfoque dos acadêmicos de enfermagem. Revista de Psicologia. Vol.13.

LIMA, Vanessa Rodrigues, BUYS Rogério. Educação para a morte na formação de profissionais de saúde. Arquivos brasileiros de psicologia.Rio de Janeiro, n.60, v.3.

MOIMAZ, Suzely Adas Saliba, et al. Percepção de acadêmicos de Odontologia sobre o envelhecimento. Rev Odontol UNESP, Araraquara. jul./ago., 2010; 39(4): 227-231.

IVEIRA, Patrícia Peres, et al. Percepção dos profissionais que atuam numa instituição de longa permanência para idosos sobre a morte e o morrer. Ciênc. Saúde coletiva, vol.18 no.9 Rio de Janeiro, Set. 2013.

REIS, Priscilleyne Ouverney; CEOLIM Maria Filomena. O significado atribuído a 'ser idoso' por trabalhadores de instituições de longa permanência. Rev Esc Enferm USP 2007; 41(1):57-64.